

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

Os grandes problemas que a Europa enfrenta hoje, todos eles transnacionais – ambiente, segurança energética, segurança contra o terrorismo e crime organizado, paz e estabilidade, pelo menos na sua vizinhança próxima – e os grandes desafios da globalização, não poderão ser enfrentados apenas ao nível dos Estados, individualmente considerados; mesmo os que têm mais recursos, não conseguirão reunir todos os meios necessários para enfrentar esses desafios, até na mais básica obrigação de assegurar a sua própria defesa e segurança.



Não existe alternativa: para enfrentar todos estes desafios, os europeus não podem dispensar uma plataforma onde possam conjugar, num sentido de esforço comum, os recursos e potencialidades existentes ao nível individual de cada estado, e que possa actuar, com credibilidade, em nome do colectivo. Há ainda uma outra razão de peso a acrescentar a esta: os EUA estão num processo adiantado de deixar de ser uma “potência europeia”; estão a centrar as suas atenções noutras regiões a que atribuem prioridade estratégica. Mantêm o vínculo da participação da NATO, mas sob uma perspectiva diferente da do passado e sem a forte presença militar do tempo da Guerra Fria que permitiu aos europeus não se preocuparem grandemente com as questões de segurança.

Por todas estas razões, a Europa, que já emergiu da sombra americana em termos económicos, financeiros e comerciais, vai ter que emergir também nas áreas da Política Externa e da Defesa; nas primeiras áreas fê-lo por opção mas nestas últimas duas vai ter que o fazer por uma questão de exigência a que não escapará, mais tarde ou mais cedo, para poder responder devidamente aos novos desafios de segurança.

O caminho não vai ser fácil; ainda permanecem duas grandes divergências internas a obstruir a progressão: a divergência entre a visão de uma Europa mais intergovernamental do que supranacional – a Europa Económica – ou uma outra Europa disposta a partilhar mais áreas de soberania, designadamente no âmbito da política externa e de defesa – a Europa Política; a divergência sobre a questão transatlântica, na forma de relacionamento político da União com os EUA, entre a versão de aliado incondicional e a versão de constituição de um pólo mundial alternativo de poder.

Há outras dificuldades pela frente: o assunto não é indiferente aos EUA, que não facilitarão a “emancipação” europeia; por outro lado, a UE precisa ainda de se dotar das instituições necessárias na área da Defesa e na da Política Externa. O que foi previsto no Tratado Constitucional necessita de ser repensado, quer na lógica de atribuir à Política Externa um nível ministerial, o que vai ser sempre difícil de aceitar, quer quanto à decisão de reunir sob o mesmo responsável os assuntos de Defesa e da Política Externa, solução que não reflecte a organização tradicional dos Estados.

No campo da Segurança e Defesa se a UE quer, de facto, construir uma política centralizada tem que se dispor a criar instituições e mecanismos próprios para essa finalidade. Não chega ter um órgão militar consultivo de apoio à decisão política, que até já existe, nem confiar na disponibilidade de alguns quartéis-generais dos países membros que se poderão encarregar da condução das operações, em nome da União. Continua a faltar um órgão que assuma a concretização militar das decisões políticas, coordenando e acompanhando todo o subsequente processo ao nível de cada estado-membro, conforme os compromissos assumidos.

Bastaria, para tanto, decalcar o que existe na NATO, mas é aí que reside o problema; esse passo tem sido considerado como violando o critério da Não Duplicação de meios e estruturas, um dos critérios dos 3 Ds, estabelecido durante a presidência de Clinton, como uma espécie de travão ao voluntarismo de Blair e Chirac, na Cimeira de Saint Malô, ao concordarem avançar com a ideia da criação de uma capacidade militar autónoma no seio da União Europeia.

A partir daqui tornou-se problemático fazer avançar a ideia de uma capacidade autónoma; ou a União Europeia se contentava em dar apenas alguns pequenos passos, prescindindo da estrutura necessária para alcançar o objectivo estabelecido, ou estaria a criar dificuldades ao relacionamento transatlântico, por inobservância do critério dos 3 Ds. Prevaleceu esta última preocupação e sem

quase qualquer esforço consequente para tirar o assunto do impasse em que tem estado desde então.

Se a União Europeia conseguir concretizar proximamente o projecto dos Agrupamentos Tácticos e, posteriormente, o da Força de Reacção Rápida dos 60000 efectivos, que deveria ter ficado operacional em 2003, terá atingido o essencial das metas a que precisa chegar para ser consequente com os propósitos anunciados. Esses meios permitirão assegurar uma participação sólida e eficaz na manutenção da segurança e estabilidade na sua zona de vizinhança próxima, mas não acabarão com a situação de dependência em várias áreas que ainda mantém em relação aos EUA e tão patente nas crises que se seguirem à desagregação da Jugoslávia.

Se o objectivo é acabar ou pelo menos reduzir essa dependência – eu penso que deve ser, embora não sob a ideia da criação de um pólo alternativo de poder aos EUA – então os europeus têm que se dispor a ir mais longe e rever drasticamente a forma como estão a investir em Defesa, dar mais um passo na integração das respectivas políticas e negociar um relacionamento transatlântico para a NATO sem os condicionalismos, algo aberrantes, do actual.

A situação actual é anacrónica. Na UE, onde existem áreas com processos de integração avançada, a da Defesa abrange apenas a criação de uma capacidade de intervenção no exterior; não respeita à totalidade das forças armadas dos países membros, nem sequer procura coordenar os seus planeamentos de defesa. Isso são prerrogativas da NATO que, como aliança de defesa colectiva, tem o monopólio da defesa territorial e integra muito mais profundamente as políticas de defesa dos países membros, mesmo não sendo uma União.

É altura de nos questionarmos sobre se não deveria ser exactamente ao contrário, isto é, a UE assumir a responsabilidade de organizar os recursos militares dos países membros para a defesa do respectivo território, em vez de ter que continuar a recorrer à NATO, ou seja aos EUA?

Durante a Guerra Fria, teve que ser assim porque a ameaça soviética não permitia prescindir da ajuda americana; hoje se não é possível não é por esse tipo de razões mas apenas porque o processo de integração europeu não “amadureceu” tanto quanto necessário. No entanto, não tem nem é desejável que continue ser assim; o que fará sentido será a UE preparar-se abertamente para assumir a responsabilidade pela defesa do seu próprio território e deixar para a NATO o papel global que esta, sob liderança americana, quer ter e para o qual a UE lhe disponibilizaria um elemento de intervenção europeu. A mudança será grande; levará tempo a interiorizar mas é a única saída sensata para conciliar o desenvolvimento da PESD, passo incontornável da construção europeia, com um relacionamento transatlântico útil na área da Defesa.

[1] Texto cedido ao IEEI, para utilização no âmbito do II Debate Nacional sobre o “Futuro da Europa”, 25/26 Junho

126 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/05/23

AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/07

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/24

A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO

Pedro Santos Jorge[1]

2012/01/17

A NOVA ESTRATÉGIA DE DEFESA DOS EUA E A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/24

A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)

Arthur Sá Anunciação[1]

2011/04/25

ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/20

O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/28

EUROPEAN AERONAUTICS: MAIN POLICY AND OBJECTIVES [1]

Daniela Siqueira Gomes

2011/01/17

A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/09

O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/11/26

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/25

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/16

A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA

Luís Brás Bernardino[1]

2010/11/07

As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/24

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/21

OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?

Rui Ribeiro Vieira[1]

2010/09/17

PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL

João Brandão Ferreira

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/11

O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/05/18

O RELATÓRIO ALBRIGHT

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/22

AS ARMAS NUCLEARES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/11/14

COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?

Oliveiros S. Ferreira (Brasil)

2009/09/17

INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]

Inês de Carvalho Narciso

2009/09/14

A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/01

AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/28

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/14

Os GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]

Victor Marques dos Santos[2]

2009/05/13

A NATO[2]

Francisco Proença Garcia[1]

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/02

A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA

Luís Marquês Saraiva[1]

2009/03/31

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]

Luís Marquês Saraiva[2]

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2008/11/07

ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION

Sandra Fernandes e Luís Saraiva

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/01

A NATO, A UCRÂNIA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/06

A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/27

ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/20

A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/14

OS ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS

Luís Falcão

2008/08/11

GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/28

O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCAREST E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/30

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO

João Brandão Ferreira

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/16

EUROPA SOB UMA TRIPLA AMEAÇA DA AL-QAEDA

José Vale Faria [1]

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/20

VISÕES SOBRE A POLÍTICA EUROPEIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Vários

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCAREST?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/12/21

KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/30

KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/21

DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA

Francisco José Leandro

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]

Miguel Moreira Freire[1]

2006/09/11

O IMPASSE AFGÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/07/20

AFGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

João Brandão Ferreira

2006/01/22

EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?

João Nuno Barbosa

2005/12/18

É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/29

NATO OU PESD? OU AMBAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/01

UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/06

O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/17

A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/12/13

A NOVA OTAN?

Maria João Militão Ferreira

2004/10/29

A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]

Francisco Duarte Lima

2004/10/12

UMA NOVA DOCTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/10

A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/14

A DEFESA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/21

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges

2004/03/16

A NATO E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2004/02/23

SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA

João Vieira Borges

2004/02/19

A UE E A RÚSSIA

António Silva Ribeiro

2004/01/07

A TRANSFORMATION EN LA OTAN

Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)

2003/12/03

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/11

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/27

AS CRISES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/20

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/09

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/08

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/09/30

PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges